
**DA CAPELA CARMELITA
À CATEDRAL METROPOLITANA
DE MANAUS (AM): UMA ARQUEOLOGIA
DA ARQUITETURA**

Marcus Vinicius de Miranda Corrêa

Resumo: *a Catedral Metropolitana de Manaus, Igreja Nossa Senhora da Conceição, surgiu de uma capela carmelita construída no século XVII, e depois de muitas reconstruções recebeu vários acréscimos durante os anos até atingir a dimensão atual. A pesquisa arqueológica na Catedral Metropolitana de Manaus ocorreu entre os dias 15 de abril e 06 de outubro de 2002. Neste período foram realizados trabalhos no edifício, concentrados na sacristia oeste da igreja, nave central e varanda oeste.*

Palavras-chave: *arqueologia histórica, arqueologia da arquitetura, igreja, Manaus, Amazonas*

O Projeto Integrado de Aproveitamento Turístico e Resgate da Memória Cultural da Igreja Matriz da Nossa Senhora da Conceição – Catedral Metropolitana de Manaus – foi elaborado de maneira multidisciplinar e, nessa multidisciplinaridade, houve espaço para o subprojeto Arqueologia da Catedral. Na realidade, em muitos momentos, o trabalho se resumiu a uma coleta de material cultural, retirado pelas obras civis dos aterros, situados no entorno do edifício, e à comprovação de dados levantados pela História. Mesmo assim, importantes descobertas foram feitas. Realizou-se um trabalho de sensibilização na Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Amazonas (SEC), especialmente no Departamento do Patrimônio Histórico e Turístico (DPHT), com a participação dos alunos de graduação das diversas universidades, envolvidos nos trabalhos de campo ou de laboratório.

O elemento motivador da realização do subprojeto de arqueologia foi a evidenciação de fragmentos de cerâmica indígena, louças e vidros do séc. XX, expostos por ocasião da abertura de uma caixa d'água para receber o líquido vindo da central de ar condicionado a ser instalado na igreja, fato ocorrido na presença do Secretário de Cultura, Desporto e Turismo, que ordenou uma pesquisa arqueológica no local. Mas, até que ela acontecesse, mantiveram-se pessoas nos jardins da catedral onde havia o prosseguimento dos trabalhos, para o acompanhamento das obras civis e, conseqüentemente, para verificação do material exposto.

ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA

No intuito de entender o processo cultural passado, novas perspectivas têm sido usadas pela Arqueologia. Esse processo adquire, então, uma dimensão ativa e ideológica, e a Arqueologia da Arquitetura é mais um caminho utilizado com proveito, porque o construído tem um caráter ideológico, simbólico, além do funcional, importantes para o entendimento da sociedade em estudo. Não é novidade o uso da Arquitetura, como fonte de informação, pela Arqueologia Histórica.

O termo Arqueologia da Arquitetura foi cunhado por *Stedman* e compreende todas as investigações focadas no estudo da Arquitetura (desde que de uma abordagem arqueológica), realizadas de numerosas perspectivas e de um marco teórico. Na realidade, Arqueologia da Arquitetura e História da Arquitetura são subcampos paralelos, muito próximos. Esse tipo de abordagem oferece uma nova perspectiva de análise para a discussão de elementos vinculados à construção da paisagem cultural (ZARANKIN, 1999 e 2001; MORAIS, 2001). Um dos principais objetivos deste campo de estudo ou subdisciplina é o de, através da construção material, atingir as relações sociais (FUNARI, 1996; ZARANKIN, 1999).

Segundo Zarankin (2001), a Arqueologia da Arquitetura é uma corrente de pesquisa que abarca todos aqueles trabalhos direcionados ao estudo da arquitetura de um ponto de vista arqueológico, isto é, centrados na análise de sua materialidade. Em outras palavras, proceder-se-á à leitura do edifício como um documento arqueológico.

Escavando-se as camadas de pintura como níveis de sedimento e identificando-se, entre outras coisas, portas e janelas que foram fechadas, permite-se discutir a evolução cronológica do edifício, assim como os aspectos sociais e econômicos dessas mudanças (OSNER JR, 2000).

A interseção entre as duas áreas do conhecimento ocorre quando ambas têm o edifício como objeto de estudo, como produto material da cultura e,

portanto, de interesse da Arqueologia, à medida que o edifício permite ter-se acesso ao mundo sociocultural. É nesse momento que “as bases teóricas, conceitos, definições, metodologias e técnicas se entrelaçam” (MORAIS, 2001).

A Arqueologia da Arquitetura, sem dúvida, oferece “uma nova perspectiva de análise para a discussão de elementos vinculados à construção da paisagem cultural” (ZARANKIN, 2001). Nesse campo, não interessam apenas as grandes obras arquitetônicas, mas o entender além da estética de um edifício, o compreender como o objeto arquitetônico interage com a sociedade.

O campo da restauração é propício para se ter a junção da Arqueologia com a Arquitetura, tanto assim que, no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, o ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – publicou, como resultado dos seus trabalhos, a Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios, mais conhecida como Carta de Veneza que, no seu artigo nono, estabelece que a arqueologia deve preceder e acompanhar os trabalhos de restauração de um monumento. Segundo essa mesma carta, as escavações devem manter, conservar e proteger os elementos arquitetônicos e os objetos descobertos.

“Un aspecto de la arqueología histórica que todavía no he discutido concierne a su utilización como fuente de información en los trabajos de restauración y reconstrucción de sitios históricos” (OSNER JR, 2000, p. 97).

Assim como conhecer a história da Arquitetura é uma necessidade para o arquiteto, cabe ao arqueólogo conhecer toda possibilidade de interdisciplinaridade da Arqueologia. A relação entre Arqueologia e Arquitetura deveria ter sido estabelecida há bastante tempo, pois, desde muito cedo, o homem cria e organiza o espaço para viver. A arqueologia clássica, tal como a pré-colombiana, entre outras, já apresentava importantes edifícios de sua cultura. Estudar a arquitetura dessas sociedades da ótica da Arqueologia pode trazer subsídios para o seu entendimento. Se o arqueólogo deseja compreender, na totalidade, a sociedade que estuda, tem de lançar mão de todo tipo de abordagem. Caso contrário, toda reconstituição será rapidamente superada. Não se pode esquecer que o conhecimento científico é cumulativo e, portanto, novas abordagens vão surgir. Deve-se conhecer aquilo que é mais novo naquela determinada área de conhecimento em que se trabalha.

ALGUNS DADOS SOBRE O MUNICÍPIO DE MANAUS

Após a conquista e o domínio do território da Amazônia, a região apresentava duas capitanias: a do Grão-Pará e a do Maranhão. A primeira

tinha como sede Belém. No entanto, as dificuldades em controlar um território tão vasto fizeram com que o capitão-general do Grão-Pará e presidente da comissão demarcasse limites com as colônias espanholas. Francisco Xavier de Mendonça Furtado propôs a João de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal, em Lisboa, a divisão da capitania do Grão-Pará. Assim, em 1755, foi criada a capitania de São José do Rio Negro, com sede em Mariuá, que, em menos de um ano, passou a ser chamada de Barcelos. Em 1791, a capital da província, sede da capitania, é transferida de Barcelos para Lugar da Barra, que tem localização mais estratégica, situada próximo ao encontro dos rios Negro e Solimões, e elevada à categoria de vila, originando uma fase de crescimento da povoação. A ordem, dada por Manoel da Gama Lobo D'Almada, governador da província de São José do Rio Negro, sem o consentimento do governador do Pará, trouxe transtornos à nova capitania. Houve até o retorno da sede para Barcelos no ano de 1799. Mas, em 1852, Manaós (um dos nomes da atual Manaus) foi definitivamente elevada à capital.

A cidade de Manaus teve como origem a fundação da Fortaleza de São José do Rio Negro, erguida por ordem de Portugal no ano de 1696. Construída em pedra e barro, contou com a mão-de-obra de nativos catequizados pelos missionários. Reuniu tribos dos Tarumã, Manáos, Baré, Passe e Banibes. Mas, tal como a capela carmelita, o forte logo ficou em ruínas. A relação, evidentemente, não foi pacífica: as investidas de dominação dos portugueses encontraram forte resistência, muitas aldeias foram saqueadas e rebeldes, dizimados.

A capital do Estado do Amazonas, Manaus, localiza-se aos 3°15' de latitude sul e 60°15' de longitude oeste, numa excelente posição geográfica. Está situada sobre um sistema de colinas do Tabuleiro Terciário de Manaus, um baixo planalto arenoso e pobre, esculpido no arenito da formação de Manaus que se desenvolve na barranca e pode atingir uma altura de 40 metros acima do nível médio do rio Negro, na confluência deste com o Solimões. A estrutura urbana de Manaus, segundo Ab'Saber (1953b, p. 22), obedece aos elementos topográficos:

1. Uma 'barreira' fluvial alongada e relativamente contínua, na margem esquerda do rio Negro; 2. em praia de estiagem de 10 a 20 metros de largura, na base da barreira, totalmente inundáveis durante as cheias; 3. em colinas suaves e de níveis variáveis no reverso da barreira; 4. em níveis de terramento nos flancos dos igarapés e ligeiras rampas de acesso entre os terraços e os diversos níveis de colinas esculpidas no disco do Tabuleiro Terciário.

O clima do município de Manaus é equatorial quente e úmido, do tipo *Af*, pela classificação de Köppen, segundo a qual a letra “A” significa clima tropical e a letra “f”, chuvas durante o ano inteiro. A pluviosidade média é de 2.000mm/anuais, com 60mm no mês mais seco. O período mais chuvoso vai de maio a junho e a amplitude térmica, em todos os níveis, é baixa, já que não há grande diferença entre inverno e verão. É digna de registro também a alta umidade relativa média do ar, que chega a atingir 80%.

A rede hidrográfica do município de Manaus abrange quatro bacias, todas contribuintes da grande bacia do rio Negro. Duas encontram-se integralmente dentro da cidade – a do igarapé de São Raimundo e a do igarapé do Educandos – e duas parcialmente inseridas na malha urbana – a do igarapé do Tarumã-Açu e a do rio Puraquequara.

O processo de urbanização de Manaus pode ser remontado a Manoel Lobo Gama D’Almada que, ao transferir a sede da província de Mariuá para o Lugar da Barra, mandou instalar diversas indústrias e alinhou o casario. Apesar de ainda as ruas não terem nome, eram conhecidas “pelo morador mais importante, pelo das casas do serviço público” (REIS, 1999, p. 47). Um outro grande incentivador do processo de urbanização de Manaus foi o governador Eduardo Ribeiro que, durante o seu governo, construiu pontes, praças, calçamento de ruas, aterro de igarapés e algumas das grandes construções da cidade, como o Tribunal de Justiça, o Teatro Amazonas e o Prédio da Alfândega, entre outras.

O maior porto fluvial do país, o de Manaus, é o ponto de convergência de navios de passageiros e de cargas, tanto de cabotagem como de longo curso, que garantem a conexão da cidade com portos nacionais e internacionais. Esse porto recebe ainda embarcações regionais de todo tipo que viabilizam a ligação com inúmeros núcleos da região amazônica. Por sua estratégica localização geográfica, Manaus tornou-se um eixo da navegação fluvial da Amazônia e do Brasil. Esse porto foi fundamental para o crescimento de Manaus. Serviu de base para o comércio (predominantemente, para a exportação de produtos amazônicos) e para o transporte de passageiros. Há também outros portos que movimentam cargas e passageiros entre a cidade e portos de localidades próximas. Entre eles, destacam-se o de São Raimundo (de onde é possível acessar os municípios de Iranduba e Manacapuru) e o da Ceasa (situado no início da Br-319, que liga Manaus a Porto Velho), onde atracam balsas e *ferry boats*, que transportam passageiros e veículos de carga para os municípios limítrofes de Manaus, localizados ao sul e sobre as margens direitas dos rios Negro e Amazonas, tais como Autazes, Nova Olinda do Norte e Careiro da Várzea.

Entre as rodovias que permitem o acesso a Manaus, destaca-se a BR-319 que liga a capital ao Estado de Rondônia (Porto Velho), partindo do

porto de Careiro da Várzea em direção ao sul e conectando as cidades de Manicoré, Humaitá e Lábrea (acessada pela Br-320). Entretanto o estado de conservação dessa estrada é péssimo e freqüentemente ela não é transitável em boa parte do trecho, tanto que não há linhas de ônibus entre Manaus e Porto Velho. A parte transitável na maior parte do ano vai da cidade de Manaus à de Manaquiri, ainda no Estado do Amazonas.

Ao norte, o município de Manaus interliga-se ao Estado de Roraima através da rodovia BR-174, que também permite acesso ao município de Presidente Figueiredo, onde estão localizadas a mineração de estanho Taboca, pertencente ao grupo Paranapanema, e a Usina Hidrelétrica de Balbina. Esses dois empreendimentos fazem do município o segundo mais rico do Estado. Essa rodovia federal, em conjunto com a rodovia estadual AM-010, forma um importante eixo de saída norte de Manaus e constitui um dos principais vetores de expansão da cidade. A rodovia AM-010 permite a ligação com os municípios de Rio Preto da Eva, Itapiranga, Sikves e Itacoatiara. Uma outra rodovia importante é a que liga Manaus a Manacapuru, AM-070, passando por diversos municípios importantes, como Iranduba ou Cacau Pireira. Essa estrada, apesar de não fazer ligação com nenhum outro Estado da federação, é bastante movimentada, por permitir acesso a diversas áreas de veraneio e de lazer da população manauara.

Em termos populacionais, a cidade de Manaus, em 1787, continha apenas três ruas e cerca de 300 habitantes entre brancos, índios e escravos; em 1827, a população subiu para aproximadamente 3.000 pessoas; 23 anos depois, Manaus tinha uma população de 4.000 habitantes; entre 1889 e 1920, passou de 10.000 para 75.000 habitantes. Nos anos 70, “a cidade de Manaus ocupava uma área de 25.32km² com população de 311.622 habitantes, o que resultava numa densidade populacional de 12,3 hab./km²” (VIEIRA, 1999, p. 114), índice elevado, para o qual, com certeza, também contribuiu o importante papel exercido pelo programa federal Zona Franca de Manaus. Na década de 1980, o aumento populacional na área urbana de Manaus continuou. Destacam-se os índices de crescimento da cidade de Manaus, que, no período, podem ter duas explicações: a expansão do parque industrial e a consolidação do setor de comércio, especializado em produtos de alto consumo. Atualmente a cidade de Manaus tem cerca de 1.500.000 habitantes.

A ORDEM DO CARMO NO AMAZONAS

Na ocupação do Amazonas foram utilizadas três frentes, uma delas era dos missionários (Jesuítas, Franciscanos, Mercedários e Carmelitas). Estes

últimos substituíram os Jesuítas ao longo do curso dos rios Solimões e Negro, aliás, a sua presença já é relatada na segunda metade do século XVII no alto rio Negro (REIS, 1965; MARCOY, 2001). Essas ordens não tinham só a missão de catequizar os índios, mas tinham também a incumbência de proteger o território dos espanhóis e de quem se aventurasse pela Amazônia.

O comissariado de Portugal manteve sob sua guarda a província carmelitana do Maranhão e foi de lá que partiram os responsáveis pelas missões carmelitas nas regiões dos rios Negro e Solimões. A fundação de missões ou a ocupação de povoados criados pelos jesuítas foi um ato de grande empenho já que as regiões eram remotas e pouco habitadas por europeus.

Vale ressaltar que no século XVIII, a aproximadamente 100Km de Manaus, a Ordem dos Mercedários, com a ajuda de índios, fundaram a cidade de Santo Elias do Jaú que, mais tarde, por ordem do marquês de Pombal, mudou o nome para Airão. Em 1728, o frei carmelita Matias São Boaventura fundou na vila de Mariuá a missão de Nossa Senhora de Mariuá. Esta vila, mais tarde chamada de Barcelos, foi a primeira capital da província de São José do Rio Negro. No início de 1696, os carmelitas chegaram à fortificação portuguesa, erigida em 1695 com o nome de Fortaleza de São José do Rio Negro, fundaram nas cercanias do Fortim uma capela pequena de palha que dedicaram a Nossa Senhora da Conceição (uma tradicional devoção). Em fins do século XVIII, o estado de conservação dessa capela era tão ruim que o comandante da fortaleza mandou destruí-la e construir outra, mas o governador da província, Manuel de Gama Lobo D'Almada, ordenou sua demolição, por ser muito simples. Ordenou a construção de uma nova igreja, com padrões estéticos, que se incendiaria no ano de 1850. O papel dos carmelitas na fundação do Lugar da Barra foi essencial por vencerem a resistência e desconfiança dos índios que habitavam o local.

A CATEDRAL METROPOLITANA DE MANAUS, IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

A atual Catedral Metropolitana de Manaus está situada na parte central da cidade, sobre uma elevação entre os igarapés do Espírito Santo e o da Ribeira (ambos aterrados), com sua fachada principal voltada para o rio Negro que até hoje é o principal portão de entrada da capital amazonense.

A praça XV de novembro, onde está localizada a igreja, já recebeu diversos nomes como Largo da Olaria, praça da Imperatriz, praça do comércio ou praça Osvaldo Cruz. De todos esses nomes o mais importante é ter sido denominado de Largo da Olaria e este foi um dos primeiros nomes, ainda, no Brasil Colônia.

Atualmente, duas das principais avenidas da cidade margeiam a Catedral e seu jardim: as avenidas Eduardo Ribeiro e a Sete de Setembro. A localização da capela carmelita, que teria sido o núcleo original da Catedral Metropolitana de Manaus, é um ponto de controvérsia, pois, segundo alguns interessados pelo tema, a capela Nossa Senhora da Conceição estava localizada mais a oeste da atual (Tenreiro Aranha, entre outros).

Em 1858, o Presidente da Província, Francisco José Furtado, autoriza o início da construção da igreja atual com a fixação da primeira pedra do atual templo. O prédio foi custeado diretamente pela província, o Amazonas, e pelo império brasileiro. E a tradicional falta de mão-de-obra e de material fez com que a igreja só fosse dada como terminada em 1877. Um ano após o lançamento da pedra fundamental, índios eram capturados para trabalhar na construção. A catedral Metropolitana de Manaus tem linhas neoclássicas desde sua fachada até o seu interior. Foi construída sobre uma capela do século XVII, recebendo acréscimo posteriores até chegar às dimensões atuais. A sua fachada principal contém uma escada de acesso com cinco degraus, frontões triangulares sobre a porta principal, janelas e duas torres sineiras.

Ao longo dos anos, a Catedral Metropolitana de Manaus sofreu inúmeras intervenções desde a fundação da capela pelos missionários carmelitas próximo à fortaleza de São José do Rio Negro. No séc. XVIII, a capela levantada pelos carmelitas estava em ruínas, então o comandante do forte lá localizado, por ordem da Junta Governativa da Província, iniciou a construção de uma nova capela, mas por ordem do novo Governador da Província Manoel Lobo D'Almada mandou demolir e construir uma igreja maior e com um estilo artístico. Essa igreja sofreria um incêndio que destruiu toda a sua estrutura. A partir de então, a capela de nossa Senhora dos Remédios passou a receber os atos paroquiais, na medida em que ficou sendo o único templo da capital da província. Em 1858, o presidente da Província Francisco José Furtado iniciou a construção da atual igreja com recursos da Província e com apoio do Império Brasileiro. Inicialmente são erguidas as paredes da sacristia e da capela-mor. Em 1872, a capela-mor recebe cobertura, as naves são concluídas e se tem a construção de cimalthas. Alguns anos depois, chega de Lisboa (Portugal) o altar que ficará na capela-mor, assim como os três altares laterais, todos feitos em pedra de Lioz. O batistério, a balaustrada, que separa a capela-mor da nave central, e um altar lateral foram feitos de madeira. A nave central tem quatro púlpitos que eram acessados por uma pequena escada de madeira retirada posteriormente e até hoje não foi recolocada.

A planta da igreja é simétrica, com duas entradas laterais, além da entrada principal. Dois retângulos de diferentes tamanhos representam a nave

central e a capela-mor. Esse espaço é dividido por um arco cruzeiro (que curiosamente ainda mantém o brasão imperial) e uma balaustrada. As duas sacristias são formadas por um quadrado, o que faz a planta ter padrão neoclássico. A nave central tem o formato retangular, é delimitada por colunas que apresentam base, fuste liso e capitel jônico. Existem dois corredores laterais (passam a ser comuns em igrejas a partir da segunda metade do século XVII) que apresentam a extensão da nave e terminam acessando as duas sacristias (do lado leste e oeste). Esses corredores, que faziam a ligação entre os espaços principais da igreja com os secundários, têm quatro altares secundários. Dois deles devem pertencer ao século XVIII, pois foram feitos em mármore, mas nenhum desses altares está associado a nicho. As colunas que separam a nave central dos corredores laterais têm arcos fazendo a ligação. Suas dimensões atuais são resultados de uma intervenção posterior à construção da igreja. Num primeiro momento, o vão dos arcos era dividido por uma coluna que foi retirada numa das reformas que sofreu a igreja. Ao longo dos anos, a igreja passou por inúmeras reformas e alguns acréscimos, mas a sua planta não foi alterada em sua estrutura. Hoje, a planta da Catedral Metropolitana de Manaus, igreja Nossa Senhora da Conceição, é composta por consistório, capela-mor, sacristias laterais, nave central, corredores laterais, batistério, galilé e torres sineiras. O segundo andar tem dois corredores, com colunas e arcos, que levam a uma galeria usada para o coro da igreja. Essa igreja foi inaugurada em 1877, ainda incompleta.

Uma análise da fachada frontal (séc. XX) irá demonstrar a harmonia e o equilíbrio das linhas neoclássicas do edifício. Os principais elementos constitutivos da fachada principal são: As torres com sineira e bulbo frontal, tímpano e medalhão, cunhal, guarda-corpo, lesenha portada, sobreverga, embasamento.

As torres sineiras construídas no plano de fachada são características importantes da arquitetura luso-brasileira, visto que, nas igrejas italianas e também em algumas portuguesas, as torres são, geralmente, colocadas no fundo dos edifícios ou no plano posterior ao frontão (CAMPIGLIA, 1990, p. 10).

O sistema construtivo é um dos mais importantes determinantes do partido arquitetônico. Os materiais de construção disponíveis irão influenciar no sistema construtivo. Na construção da Catedral Metropolitana de Manaus, Igreja Nossa Senhora da Conceição, até casco de tartaruga foi usado.

Procedimentos Metodológicos

Segundo Funari (1999), revelar as teorias que sustentam os trabalhos arqueológicos não é uma tarefa fácil, principalmente se levar em conta a diversidade teórica existente na arqueologia moderna. Explicitar a teoria arqueológica pode ajudar no desenvolvimento da arqueologia brasileira, pois deve-se refletir sobre ela para poder mudá-la. Mas, para explicitar a teoria é necessário que o arqueólogo tenha, no mínimo, um bom conhecimento sobre as teorias mais utilizadas.

O documento que mais se aproxima é o gerado no I Seminário Brasileiro para a Preservação e Revitalização de Centros Históricos, realizado na cidade de Petrópolis, no ano de 1987, especialmente quando entende que um sítio histórico urbano é um espaço que concentra testemunhos do fazer cultural da cidade em suas diversas manifestações. Sítio histórico urbano é definido neste documento como

Parte integrante de um contexto amplo que comporta as paisagens natural e construída assim como a vivência dos seus habitantes num espaço de valores produzidos no passado e no presente, em processo dinâmico de transformação, devendo aos novos espaços urbanos ser entendidos na sua dimensão de testemunhos ambientais em formação.

A Catedral foi vista como um resultado de diversos fatores que influenciaram na sua localização, na organização dos espaços arquitetônicos, no estilo artístico usado e que influíram até no desenvolvimento da malha urbana de Manaus. Essa multiplicidade de ponto de vista permite, no mínimo, suspeitar da abordagem teórica utilizada nesta pesquisa, pois, como afirma Najjar (2001), a perspectiva teórica adotada irá depender de como o pesquisador observa o objeto a ser estudado.

Segundo essa abordagem, foi realizada uma prospecção nas paredes, objetivando com isto perceber os diversos momentos da construção da igreja pela identificação de diferentes sistemas construtivos. Para comprovar a Antigüidade da parede da sacristia oeste (provavelmente a última a ser construída), foi aberto um corte na tentativa de evidenciar alguma estrutura arquitetônica sob o solo atual. Uma outra etapa da pesquisa arqueológica ficou concentrada no terreno ao redor da igreja, com o objetivo de tentar estabelecer as atividades que se desenvolveram no entorno da igreja. Sabia-se pelos documentos históricos que havia vários aterros neste entorno, mas acreditava-se que o último aterro apresentaria materiais de uma atividade no local.

Toda área da Catedral (edifício e jardins) obedeceu a um superquadriculamento de 20x20m subdivididos em quadrículas de 2x2m e, se fosse necessário, seriam subdivididos em cortes de 1x1m e foram escavados em níveis artificiais de 10 centímetros que, eventualmente, poderiam ser aumentados ou diminuídos conforme a estratigrafia ou o surgimento de estruturas arquitetônicas ou arqueológicas. Todo o sedimento retirado dos cortes realizado nos jardins da igreja foi peneirado em peneiras com tamanho de malha variado, em razão do tipo de sedimento. Alguns níveis só poderiam ser peneirados em peneira de malha grande e, às vezes, as próprias mãos eram usadas para desfazer os blocos de sedimento.

Arqueologia da Catedral

A pesquisa arqueológica de campo na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição – Catedral Metropolitana de Manaus – apresentou algumas peculiaridades: os trabalhos arqueológicos se iniciaram quando a reforma e restauração da igreja estavam em fase adiantada, com isso, a solução para alguns problemas só poderiam ser resolvidos com a promoção de ajustes nos procedimentos metodológicos. Por exemplo, estava prevista a abertura de uma trincheira na parte inferior do jardim leste da catedral, o que não foi possível em razão das obras que ocorriam no local. Optou-se, então, por abrir quadrículas na sua parte superior, já que as obras civis começariam num momento posterior.

O Entorno da Catedral

Em termos gerais, e conforme relatório enviado ao IPHAN, o material arqueológico recuperado no decorrer das escavações constituiu-se de 3.000 (três mil) sacos que pesam em média 15kg cada, dos quais 590 (quinhentos e noventa) foram separados por tipo, lavados e marcados.

O material resgatado e proveniente do aterro sanitário era composto por fragmentos de louça simples e decorada, dos quais 1243 foram devidamente analisados. Demonstram uma variedade de decoração, como decoração geométrica, motivos florais, floral-geométrica, alto-relevo, decoração composta (com mais de um motivo) e colorida. Além desses fragmentos, somam-se cinco garrafas de louça intactas ou parcialmente intactas, recipientes para líquido em vidro que perfazem um total de 1752 exemplares de diferentes tipos.

Metais de diferentes tipos foram arrolados nesta categoria: ferro, ouro, prata, cobre, ágata (esmaltaados), dos quais foram separados apenas os inclusos na subcategoria numismática, com 117 moedas no total. As evidências

biológicas foram distribuídas nas subcategorias: querato-ósteo-odonto-malacológico; na sub-categoria ósteo, não tratados, existe uma grande quantidade de ossos humanos e de animais, além de um casco de tartaruga amazônico. Na subcategoria odonto, dentes humanos e de animais foram coletados. Na subcategoria malacológico há um exemplar de carapaça de gastrópode marinho com cerca de 6 cm e 21,5kg de carapaças de bivalves, também marinhos. Além dos incluídos nesta macro-categoria, existe ainda um fóssil possivelmente da Formação Pirabas (aproximadamente 25 milhões de anos) e 20 ninhos de vespa do gênero *Triplexylon* (Insecta: Hymenoptera: Sphecidae). Um desses exemplares foi analisado pela Curadoria de Invertebrados do Museu Paraense Emílio Goeldi.

As escavações realizadas nos jardins da catedral, apesar de não trazerem elementos sobre o edifício, foram de fundamental importância porque contribuíram decisivamente para sensibilização do corpo de operários e dos visitantes que iam ao local.

A Edificação

Em relação ao edifício, o trabalho arqueológico empregado consistiu em realizar uma prospecção em uma das paredes da sacristia-oeste, com o método estratigráfico, inicialmente, para evidenciar diferenças na técnica construtiva que demonstrassem qual a capela que dera origem à atual catedral de Manaus ou se a origem era devida a soma de outras construções. Como foi evidenciada uma diferença do sistema construtivo na altura da sacristia, resolveu-se retirar todo o reboco, o que evidenciou novas estruturas. Posteriormente, foi realizada uma trincheira no solo, no sentido leste-oeste. Ela evidenciou uma estrutura que terminava na parede leste da sacristia. Na parte externa da igreja (na varanda) foi aberta uma trincheira orientada no sentido norte-sul.

Na parede leste da sacristia-oeste, foi realizada uma prospecção com auxílio de uma maquete. Esta prospecção revelou duas técnicas construtivas no erguimento da parede, indicando que a parede sofrera um acréscimo posterior na altura. Esta revelação fez com que fosse removido todo o reboco da parede. E, este procedimento revelou novas estruturas.

Este procedimento, o da retirada de todo o reboco, evidenciou uma estrutura, inicialmente identificada como um arco, em que foi encontrado um documento manuscrito do século XIX, uma garrafa com texto escrito pelo mestre de obras. Na parte superior deste arco há, ainda, uma gravação da frente da igreja.

Ao examinar o arco, posteriormente, chegou-se à conclusão de que, na realidade, se tratava de uma porta de acesso à antiga igreja que fora lacrada em um dos momentos de ampliação do edifício. Um pouco à esquerda dessa estrutura, foi encontrado o alicerce da olaria. Inicialmente, por sua localização, pensou-se tratar de parte de uma escada de acesso.

Nos arcos, o primeiro momento foi dedicado à remoção e à consequente numeração das pedras do piso. Posteriormente escavou-se em níveis artificiais arbitrários, de 10cm, até chegar ao alicerce das pilastras que sustentavam os arcos.

A impossibilidade de realizar prospecções na sacristia-leste impossibilitou a obtenção de tamanho exato do alicerce. Com ele poder-se-ia ter o tamanho da olaria, por conseguinte, presumir o tamanho de Manaus e a necessidade de material argiloso que ela demandava.

Após a abertura destes cortes, resolveu-se abrir uma escavação na quadra 83, bem como um corte na varanda oeste da Igreja. Pensava-se que aí estaria a nave central da segunda igreja (neste momento ainda se acreditava que este era o local original de construção da capela carmelita).

CONCLUSÃO

A pesquisa arqueológica na Igreja Nossa Senhora da Conceição evidenciou que se tratava de uma igreja construída no século XIX, mas que sofrera inúmeras alterações tanto no século XIX como no XX. Entre as várias descobertas que surgiram durante o trabalho arqueológico, pode-se destacar o encontro de um alicerce na sacristia-oeste. Somando as informações históricas levantadas e os mapas de 1852 e 1856, pode-se afirmar que o objeto encontrado era parte do alicerce da olaria que existia no local, pelo menos até 1848. Esse dado explica a estrutura encontrada no solo da sacristia, inclusive sua dimensão (espessura e profundidade). Portanto, a atual igreja foi construída em 1858, ou seja, essa igreja é a construída após o incêndio que sinistrou a erguida por ordem do governador provincial Manoel da Gama Lobo D'Almada.

Na Arqueologia Histórica, a interpretação de aterros é muito importante e a análise dos aterros da Catedral Metropolitana de Manaus vem confirmar que, antes da igreja, havia no local uma olaria, pois o primeiro aterro é composto de material argiloso, de tijolos e telhas. Isto é mais um fato a comprovar que a igreja atual é do século XIX, já que há referência desta olaria até metade do século acima referido.

A atual Catedral Metropolitana de Manaus, igreja Nossa Senhora da Conceição, foi construída sobre uma elevação entre os aterrados igarapés da

Ribeira e do Espírito Santo. O primeiro aterro feito no período da igreja teve como objetivo facilitar o acesso dos fiéis pelo lado leste da igreja onde deveria existir a sacristia. Aliás, é o que está descrito no relatório do Diretor da Repartição de Obras Públicas, Lauro Bittencourt, de 1867. Mas, já em 1864 encontrava-se concluída a parede-oeste da capela-mor. Como se pode perceber, não há referência a uma sacristia. A única referência à sacristia, nos relatórios, diz respeito ao lado leste.

As escavações arqueológicas realizadas dentro da igreja acabaram sendo incompletas, pois começaram vários meses após a restauração/reforma da igreja. Por isso nem todo o sítio estava disponível para os trabalhos arqueológicos. Este fato não impossibilitou que a expansão do edifício fosse adequadamente identificada. Identificou-se quase todo o processo evolutivo pelo qual passou a igreja e ele foi mais do que suficiente para afirmar que se trata de uma igreja construída no século XIX, já sob o padrão estético do neoclássico. Esse prédio foi construído após o incêndio ocorrido na igreja, levantada por ordem do governador provincial Lobo D'Almada.

Referências

- AB'SABER, A. N. A cidade de Manaus: primeiros estudos. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 15, 1953b.
- AB'SABER, A. N. Na região de Manaus: fotografias e comentários. São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 14, 1953a.
- AGASSIZ, L.; E. Viagem ao Brasil: 1865-1866. *Reconquista do Brasil*, São Paulo, n.12, 1975.
- ALVIM, S. *Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Minc: IPHAN/Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1999.
- AMAZONAS. Anteprojeto integrado de aproveitamento turístico e resgate da memória cultural de Manaus. Manaus: Governo do Estado do Amazonas. Secretaria de Estado da Cultura, Desporto e Turismo, 2002.
- AMAZONAS. *Revista Acadêmica da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais*. Manaus: Valer, 1999. Edição comemorativa dos 90 anos da Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas.
- BITTENCOURT, A. *Corografia do Estado do Amazonas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1926.
- BITTENCOURT, A. *Fundação de Manaus: pródomos e seqüência*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estrado de Cultura e Turismo; Ed. da Universidade do Amazonas, 1999.
- CAMPIGLIA, O. O. *Igrejas do Brasil: fontes para a história da igreja no Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, [1990].
- CURY, I. (Org.). *Cartas patrimoniais*. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- DA MATTA, J. N. *A Amazônia na história*. Manaus: Gráfica Rex, 1969.

Disponível em: <<http://www.carmelo.com.br/espiritualidade/historia.asp>>; <<http://www.carmelitas.org.br>>.

FERREIRA, A. R. *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Rio de Janeiro: CFC/MEC, 1972.

FITOH, J. M. *Preservação do patrimônio arquitetônico*. São Paulo: Edusp, 1981.

FUNARI, P. P. A. A importância da teoria arqueológica internacional para a arqueologia sul-americana: o caso brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* São Paulo, v.3, 1999. *Suplemento*. (Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul).

FUNARI, P. P. A. *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

GOMES, A. R. M.; ALMEIDA, J. S.; ALMEIDA, M. L. S. de. *Oficina escola de revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa*. Paraíba: Governo Estadual da Paraíba, [1990].

HODDER, I. *The archaeological process: an introduction*. Grã-Bretanha: Blackwell, 1996.

IBGE: Instituto Brasileira de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Legislação patrimonial, cadastro de sítios arqueológicos e plano nacional de sítio urbano. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 25 mar. 2004.

ISENBURG, T. *Naturalistas italianos no Brasil*. São Paulo: Ícone; Secretaria de Estado da Cultura, 1991.

KERN, A. A. Método e teoria no projeto Arqueologia Histórica Missioneira. In: Anais da VIII REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção Arqueologia, v. 1).

LEMOS, C. A. C. *O que é arquitetura*. São Paulo: Brasiliense, 2003. (Coleção Primeiros Passos, n. 16).

LIMA, T. A *Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites*. [Pré-print].

LOPES, F. A. *História da construção da igreja do Carmo de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1942. (Publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

LOUREIRO, A. J. S. *Amazonas na época imperial*. Manaus: T. Loureiro & Cia, 1989.

MANAUS. Prefeitura Municipal de Manaus. Disponível em: <<http://www.manaus.am.gov.br>>.

MARCOY, P. *Viagem pelo rio Amazonas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas. Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto; Ed. da Universidade do Amazonas, 2001.

MARTINS, W. de S. *Membros do corpo místico: ordens terceiras no Rio de Janeiro (c. 1700 –1822)*. Tese (Doutorado do Depto. de História da FFLCH) –Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. 2v.

MATA, J. N. da. *A Amazônia na História*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1956.

MAW, H. L. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico, através dos Andes nas províncias do norte do Peru, e descendo pelo rio Amazonas até ao Pará*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas; Fundo Editorial, 1989.

MESQUITA, O. M. *A Bellê Época manauaera e sua arquitetura Eclética: 1892 – 1910*. Dissertação (Mestrado da Escola de Belas Artes) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

MESQUITA, O. M. Manaus um projeto de modernidade. *Boletim Amazonense de Geografia*, Manaus, n.2, 1995.

- MIRANDA CORREA, L. de. *Manaus: aspectos da sua arquitetura*. Manaus: Secretaria de Estado da Cultura, 2000.
- MIRANDA CORREA, L. de. *Manaus: roteiro histórico e sentimental da cidade do rio Negro*. Manaus: Artenova, 1969.
- MIRANDA CORREA, L. de. *O nascimento de uma cidade*. Manaus: Editora Governo do Estado do Amazonas, 1966. (Serie Torquato Tapajós, v.IX).
- MONTEIRO, M. Y. *A Catedral Metropolitana de Manaus (sua longa historia)*. Manaus: Sérgio Cardoso e Cia., 1958. (Coleção Muiraquitã).
- MONTEIRO, M. Y. *História da cultura amazonense*. Manaus: Editora do Governo do Estado do Amazonas, 1977. V. 1.
- MORAIS, J.L. Tópicos de arqueologia da paisagem. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.10, p.3-30, 2000.
- ORDEM CARMELITA. Constituição.
- ORSER JR, C. E. *Introducción a la Arqueología Histórica*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología e Ediciones del Trinchente, 2000.
- OSNER, C. E. Jr. A teoria de rede e a arqueologia histórica moderna. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, Suplemento*, São Paulo, v.3, 1999. (Anais da I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul).
- PINHEIRO, R. N. *Notícias históricas: Paróquia Nossa Senhora dos Remédios – Centenário de sua instituição canônica – 1878 / 1978*. Manaus: Arquidiocese de Manaus, 1979.
- PINSKY, V.; WYLIE, A. *Critical traditions in contemporary archaeology. Essays in the Philosophy, History and socio-politics of archaeology*. [S.l.]: University of new México, 1995.
- REIS, A. C. F. *A Amazônia que os portugueses revelaram*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura/Serviço de documentação, 1956. (Coleção vida brasileira).
- REIS, A. C. F. *Manós e outras vilas*. 2. ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura e Turismo; Ed. da Universidade do Amazonas, 1999.
- REIS, A. C. F. *Símula de história do Amazonas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1965. (Série Monteiro de Souza, v.II).
- RELATÓRIO da Presidência da Província do Amazonas – 1870-1873 – IV, 42. Rio de Janeiro, 1908.
- RELATÓRIO da Presidência da Província do Amazonas Francisco José Furtado, em 7 de setembro de 1858.
- RELATÓRIO da Presidência da Província do Amazonas João Pedro Dias Ribeiro, em 8 de julho de 1856.
- RELATÓRIO da Província do Amazonas – 1858/1862, II, 126. 2. ed. Rio de Janeiro, 1906.
- RELATÓRIO do Diretor de Obras Públicas Carlos de Moraes Camisão, em 29 de abril de 1859.
- RELATÓRIO do diretor de obras públicas Theodoro Antonio de Oliveira, em 26 de janeiro de 1857.
- RELATÓRIO do Presidente Tenreiro Aranha em 30 de abril de 1852.
- RELATÓRIO do Representante de Obras Públicas tenente-coronel João Wilkens de Matos, em 4 de agosto de 1858.
- RELATÓRIO técnico do subprojeto de arqueologia entregue ao IPHAN. Este subprojeto é parte do

projeto integrado de aproveitamento turístico e resgate da memória cultural da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição – Catedral Metropolitana de Manaus.

SANTOS, P. *Formação de cidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2001.

SILVA, E. E. C. da. *A casa um exemplo de conservação*. TCC (Monografia curso de especialização Gestão do Patrimônio Cultural Integrado no Planejamento Urbano da América Latina do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano do Departamento de Arquitetura e Urbanismo) – UFPE, Recife, 2004.

SOUTH, S. Evolution and horizon as revealed in historical archaeology. *The Conference on Historic Site Archaeology Papers*, v.6, p.71-116, 1971.

SOUTH, S. *Method and theory in Historical Archaeology*. Nova Iorque: Academic Press, 1977.

SOUZA, M. *Breve história da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

TENREIRO ARANHA, B. F. *Um olhar pelo passado*. Manaus: [s.n.], 1897.

TOLEDANO, S. de A. *Manaus: urbanização e a deteriorização ambiental*. Dissertação (Mestrado da FFLCH) – USP, São Paulo, 1997.

TRIGGER, B. G. *Além da história: os métodos da pré-história*. São Paulo: Edusp, 1973.

VIEIRA, A. F. C. A expansão urbana de Manaus e o surgimento de processos erosivos. Internos In: SEMANA DE GEOGRAFIA DO AMAZONAS. *Anais...* Manaus: Universidade do Amazonas, 1999.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. da S. Sistemas construídos e memória social: uma arqueologia urbana? *Revista de Arqueologia*, Belém, v. 2, n. 2, p.46-50, 1984.

WALLACE, A. R. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1997. (Coleção Reconquista do Brasil, n. 50).

ZAMBETOGLIRIS, N. F. La Arqueología Urbana en la Colonia del Sacramento. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.5, 1995.

ZARANKIN, A. Arqueologia de la arquitetura: another brick in the wall. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, v. 3, 1999. Suplemento. *Anais* do I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul.

ZARANKIN, A. *Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista – o caso de Buenos Aires*. Tese (Doutorado do Instituto de Filosofia e ciências humanas) – Unicamp, São Paulo, 2001.

MARCUS VINICIUS DE MIRANDA CORRÊA

Professor no Centro Universitário Nilton Lins. *E-mail*: marcusviniciusmc@terra.com.br